

No. S. 12660

817.08

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 116

Col. 30

O pescador como explorador

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



O pescador como explorador

Apesar de muito se ter dito e escrito sobre o caça-minas e a sua obra perigosa de limpar os mares das mortíferas minas alemãs, pouco se ouve falar do pescador-explorador, o qual dia e noite patrulha os mares e que pouca esperança tem de poder distinguir-se praticando qualquer feito que lhe traga os louvores públicos e o renome. Por todo o litoral do Reino Unido, assim como no Mediterraneo, está sempre vigilante; quando o temporal obriga os barcos de pesca a procurarem abrigo nos portos, ele tem de ficar no seu posto fazendo de sentinela no mar solitario. De vez em quando tem uns dias de folga que passa em terra. Nota-se então que já não é um simples pescador com o seu jaquetão azul, porém uma especie de marinheiro da marinha de guerra a despeito das suas mitênes, gorro e manta de todas as côres, oferecidos pelos generosos subscritores do Fundo para os Caça-Minas e que lhe imprime um cunho especial, distinguindo-o de todos os outros homens do mar.

Quando se lhe pergunta quais são os seus deveres, não responde, pois obedece a ordens secretas. Duma coisa está ele certo e vem a ser que, emquanto durar a guerra, não ha para ele mais pesca nem armação de rêdes; ele está hoje debaixo das ordens do almirantado e do almirantado recebe a sua paga. Faz parte agora da marinha de guerra britanica; se de ora em quando resmungo, é por causa da muita disciplina que tem de observar, e não deixa por isso de se pavonear no uniforme da armada com o boné de pala da Reserva Naval de Guerra. Pode ser um velho patrão, conhecedor, como dos proprios dedos, dos bancos de pesca, desde a Islandia até ás costas da Inglaterra; ou não passará talvez dum rapaz de aldeia que exercia o mister de servente a bordo dum barco de pesca; nada disso influe no caso, hoje é explorador de Sua Magestade e durante a conversa entabulada não perde nenhuma ocasião de vo-lo fazer sentir.

São aos milhares os pescadores empregados nos caça-minas, e outros tantos, ou talvez mais, os que fazem patrulha nos mares que banham as costas da Gran Bretanha. Os seus barcos são geralmente uns vaporsinhos de pesca de construção de madeira ou de ferro que foram requisitados pelo Almirantado para fazer o serviço que aliás teria de ser feito por canhoneiras e destroyers. Num sentido todo o barco de pesca britanico é explorador, pois recebe um premio todo e qualquer barco que der num porto ou a um navio da armada informação util com res-

peito aos movimentos dos navios de guerra e dos lança-minas inimigos. Porém o patrão dum barco patrulha recebe instruções definidas e sabe perfeitamente o que ha de fazer ao avistar um submarino ou outro barco inimigo, ou se lhe parecer suspeito um navio navegando soh bandeira neutral. É o policia das rotas do comercio e espreita com vigilancia os barcos de pesca estrangeiros que andam no Mar do Norte — dever que ninguem desempenha como elle, pois ninguem como elle conhece o que um pescador deve ou não deve fazer. Nem sempre tem um aparelho T. S. F. para poder comunicar com um navio de guerra ou com a terra, porém existem outros meios de comunicação rapida. Pouco depois de começar a guerra perguntou um velho patrão dum barco de pesca a um official naval como havia de enviar um aviso rapido se se achasse longe da sua base. «Ora, isso é facil, respondeu tranquilamente o official, encalha o teu barco na areia e corre á estação mais proxima da guarda costeira ou do telegrafo.» Já não fazem perguntas destas os patrões que andam no serviço de exploração.

Todos reconhecem hoje a boa sorte que teve a Inglaterra de possuir antes da guerra de tres a quatro mil barcos de pesca bem construidos, dentre os quais o Almirantado poude escolher caça-minas e patrulhas. A ter tido o Almirantado de construir barcos para o effeito, teria sido difficil encontrar modelos mais apropriados. Quem tem algum conhecimento de assuntos maritimos ou que vive perto do mar, descança

melhor de noite sabendo que andam não só os grandes cruzadores e destroyers mas também os nossos humildes pescadores patrulhando os mares. É raro o dia em que se não avista no horizonte — salvo nos dias de denso nevoeiro — os pequenos patrulhas lutando com o mar encapelado, porém sempre a postos. Os navios das nações neutrais, assim como os nossos navios mercantes, conhecem-os bem e alguns deles seguem de boa vontade na esteira do barquito que leva a bandeira branca da marinha de guerra, quando tem de atravessar a zona perigosa. De noite vê-se de repente o pequeno barco iluminado momentaneamente pela luz brilhante do holofote dalgum furtivo destroyer que desaparece rapido, satisfeito sem duvida de reconhecer que os pescadores o estão coadjuvando na sua grande tarefa. O barco explorador é ubiqüo. Em toda a parte se vê, desde o North Foreland e Land's End até ás ilhas Oreades, e mesmo que se não veja, tem-se a certeza que ele ali está.

Em fevereiro de 1915 um membro do parlamento, dando prova de grande ignorancia do que se tinha feito durante os seis mezes anteriores, sugeriu ao Governo por meio dum jornal que tomasse conta das centenas de barcos de pesca que enchiam ociosos os nossos portos, que os tripulasse com gente perita, que lhes desse aparelhos T. S. I. e canhões adequados e que os mandasse em busca de submarinos alemães, oferecendo um bom premio por cada submarino afundado. A esse tempo já a maior parte da gente sabia que pelo menos metade dos

barcos de pesca a vapor do Reino Unido tinham sido utilizados pelo Almirantado e que o Governo já tinha publicado uma escala de recompensas para os pescadores e outros (incluindo os que faziam serviço a bordo dos barcos requisitados pelo Almirantado) que fizessem certos serviços ou dessem informação útil. Enquanto a idéa de se armarem os tais barcos, já desde novembro de 1914 aos pescadores tinha sido facultado ocasião de poderem tomar parte na guerra activa — neste caso, de cooperação com as forças de terra que operavam em Flandres.

Uns dez barcos de ferro a vapor tinham sido requisitados pelo Almirantado e transformados em navios armados. Renoveu-se o mastro grande para dar espaço ao canhão colocado na proa, protegeu-se o convez com chapas de aço e montaram-se metralhadoras. A cada barco foi nomeado um tenente-comandante, estavam encarregados das peças homens da marinha de guerra e o resto da tripulação formava-se de pescadores. Quarenta e oito horas depois de serem requisitados, estavam estes barcos completamente equipados e saíram dos portos comboiados por canhoneiras. Correram muitos boatos enquanto ao serviço que iam desempenhar e passaram-se muitos dias sem que houvesse noticias deles. De Flandres veio então a noticia que certas bareaças armadas — foi assim que os correspondentes os apelidaram — auxiliavam os Aliados a repelir os alemães das suas trincheiras perto do Yser o que tornou claro qual era um dos fins para os quais



o Almirantado tinha formado esta esquadilha de «mosquitos», que, segundo o dito de alguém, tinha «um ferrão terrível». Soube-se depois que estes barcos armados faziam serviço utilíssimo nos rios e canais de Flandres e que foram transformados em patrullas. O que eles e outros iguais estão fazendo todos sabem. Não ha muito tempo o Almirantado reconheceu e louvou os serviços prestados com tanto denôdo pelos pescadores exploradores durante uma das raras incursões no Canal da Mancha pelos destroyers alemães. A Gran Bretanha considera-se feliz em possuir estes barcos tripulados pelos seus valentes lobos do mar.